

A MÚSICA COMO RESISTÊNCIA: RAP E FUNK NO ENFRENTAMENTO DO RACISMO ESTRUTURAL

Estudantes: Valentine Bortolini Alves (valentinebortoline22@gmail.com), Lucas

Vinícius Moreira Oliveira de Andrada (laranascimento-enf@hotmail.com)

Orientadora: Gabriela Martins Silva (gabrielampsico@ufu.br)

Escola: Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

O racismo estrutural está presente em nossa sociedade pelo privilégio da branquitude, deixando suas marcas na educação eurocêntrica e no protagonismo de pessoas brancas nas mídias, além de em outros âmbitos. Apesar disso, no campo da música, especificamente nos gêneros Rap e Funk, artistas negras/os têm conquistado protagonismo com produções de resistência e enfrentamento ao racismo. Diante disso, o presente estudo almeja analisar os argumentos antirracistas presentes em músicas brasileiras de Rap e Funk, utilizando como base o livro “Pequeno Manual Antirracista”, de Djamila Ribeiro. A partir da análise realizada, identificamos que a Interseccionalidade raça e classe e o Genocídio das pessoas negras foram os argumentos mais frequentes para denúncia do racismo, nas músicas analisadas, seguidos pelo Epistemicídio do conhecimento ou da cultura negra e pela Descrição de situações de racismo cotidiano. Com relação ao enfrentamento do racismo, a Valorização da negritude e o RAP como resistência foram os argumentos mais encontrados, ocorrendo, com frequência, em conjunto com argumentos de denúncia do racismo. Apesar de com resultados parciais, essa pesquisa já foi capaz contribuir com a construção de um olhar crítico, pelos/as pesquisadores/as, para a realidade de racismo estrutural, o que, por sua vez, poderá contribuir para a alteração da condição de exclusão e discriminação na qual ainda vivem as pessoas negras.

Palavras-chave: educação antirracista, racismo estrutural, música, ensino fundamental.

Introdução e justificativa

O racismo estrutural é um conjunto de práticas e discursos culturais, históricos, institucionais e políticos que faz com que a discriminação racial se dê de forma naturalizada em nossa sociedade. Assim, o preconceito racial permeia nossas relações interpessoais, educacionais, econômicas, midiáticas, jurídicas etc.

Na educação, o racismo estrutural se manifesta, dentre outras formas, nas relações interpessoais e nas práticas pedagógicas. No relacionamento interpessoal entre estudantes, entre docentes e estudantes, e entre docentes, ações e falas que demonstram preconceito racial são frequentemente minimizadas como meras brincadeiras, preferências estéticas ou ações disciplinadoras. Além disso, as práticas pedagógicas, em seus conteúdos e recursos didáticos, são eurocêntricas, apresentando o homem cisgênero, branco e heterossexual como referência a partir da qual mulheres, pessoas negras, transsexuais, não-heterossexuais, indígenas etc. são consideradas/os como o “outro”. Com isso, vigora nos livros didáticos a perspectiva e imagem dos colonizadores, com seus conteúdos e conceitos considerados universais, mas que silenciam a história da população negra e indígena.

A instituição das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino da História e cultura africana e afro-brasileira, se constituíram em um marco importante para alteração desse cenário, mas ainda insuficiente para desconstruir o caráter eurocêntrico da educação e seus efeitos no desenvolvimento das/os alunas/os negras/os e na sociedade.

No campo midiático essa realidade é pouco diferente, havendo a prevalência de pessoas brancas em posição de destaque e protagonismo, tanto no cenário musical, quanto em programas de TV, filmes e séries, referendadas pelo padrão de beleza que privilegia o fenótipo branco, além da magreza. Contudo, no campo da música, artistas negros/as contemporâneos têm encontrado nos gêneros Rap e Funk caminhos para protagonizar a produção de músicas antirracistas. Nesse sentido, o campo da música, apesar de também reproduzir o racismo estrutural, tem se mostrado contexto propício para a divulgação de discursos antirracistas e construção de resistência pela população negra.

Nesse meandro, esse projeto se justifica pois poderá propiciar aos/as pesquisadores/as o mapeamento do cenário de resistência antirracista na música brasileira e contato com argumentos e discursos de enfrentamento ao racismo. Com isso, esses/as pesquisadores/as poderão olhar criticamente para a realidade de racismo estrutural vivenciada por elas/es, construindo repertórios próprios que poderão contribuir para a alteração da condição de exclusão e discriminação na qual ainda vivem as pessoas negras. Além disso, sendo realizada com discentes do ensino fundamental, essa pesquisa contribuirá para a formação para as relações étnico-raciais que, como já dito, é aspecto ainda insuficiente no processo educacional marcado pelo eurocentrismo.

Objetivos

Objetivo Geral:

Analisar os argumentos antirracistas presentes em músicas brasileiras de Rap e Funk.

Objetivos Específicos:

1- Delimitar as músicas de RAP e Funk que tenham ganhado reconhecimento público pelo teor antirracista;

2- Analisar discursivamente as músicas delimitadas, buscando identificar os argumentos antirracistas utilizados.

Metodologia

Delimitação do corpus de análise

Para a delimitação dos/as artistas e músicas a serem analisadas, primeiramente tentamos uma seleção pelos artistas e músicas de cada gênero delimitado com mais audições nas plataformas de *streaming Spotify, Deezer e Youtube*. Com isso, observamos que o gênero musical Funk, atualmente, tem, dentre as músicas mais ouvidas, temáticas não relacionadas ao racismo/antirracismo, apesar de, em sua origem, ter uma maior conexão com a temática. Além disso, ao buscarmos pelas músicas mais ouvidas dos/as principais artistas de RAP, verificamos que as de temática antirracista, na maioria das vezes, não figuravam entre as mais populares. Entendemos que esse desafio metodológico se configura num primeiro resultado da pesquisa, pois sinaliza para a pouca receptividade que o público das plataformas de *streaming* – talvez predominantemente branco – tem para as letras mais engajadas com a luta racial e social.

Diante disso, partimos em busca de uma referência para a seleção de músicas para análise. E, em pesquisa no portal Geledés - Instituto da Mulher Negra, importante organização social do movimento negro feminista, encontramos um texto que listava 29 músicas que revelariam o que é ser negro/a no Brasil (TERTO, 2017). Dentre essas músicas, 10 eram do gênero musical Rap e Funk e as selecionamos para análise. Além disso, selecionamos a música “Olho de Tigre”, do rapper Djonga, por ser uma música que se tornou importante na

luta antirracista contemporânea, pelo seu refrão “fogo nos racistas”. E, incluímos, ainda, uma música de um rapper da cidade de Uberlândia, viabilizando que nosso trabalho abarcasse, também, a realidade local.

Com isso, constituímos um *corpus* de 12 músicas para análise: Rap da Felicidade, de 1993, de Cidinho e Doca; Sr. Tempo bom, de 1996, de Thaíde e Dj Hum; Diário de um Detento, de 1997, do Racionais MC’s; Tambor, de 2008, de Kamau, Rincon Sapiência e Thalma de Freitas; Gueto ao Luxo, de 2013, de Karol Conka; Mandume, de 2015, de Emicida, Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike, Raphão Alaafin; A cena, de 2015, de Rashid; Da Lama/Afrontamento, de 2016, de Tássia Reis e Stefanie; A Coisa Tá Preta, de 2016, de Rincon Sapiência; Dalasam, de 2017, de Rico Dalasam; Olho de Tigre, de 2017, de Djonga; e Longe da Callink, de 2019, de Vaine. Até o momento, fizemos a análise de 6 delas: Tambor, Gueto ao Luxo, Olho de Tigre, Sr. Tempo bom, A Cena e Diário de um Detento.

Método de análise

A partir dos conceitos do livro “Pequeno Manual Antirracista” de Djamila Ribeiro (2019), construímos sete categorias temáticas que foram utilizadas para análise das músicas. Quatro delas dizem respeito à denúncia do racismo: a interseccionalidade de raça e classe; a escravização e o epistemicídio do conhecimento ou da cultura negra; o genocídio das pessoas negras; e a descrição de situações de racismo cotidiano, em contraponto à ideia de mito da democracia racial. As outras três categorias tratam do enfrentamento do racismo: o Rap como resistência, a valorização da negritude e/ou da origem pobre, e atos de resistência.

A interseccionalidade de raça e classe é uma categoria que diz respeito à ocorrência da opressão e exclusão de pessoas por serem negras e pobres, ao mesmo tempo. Essa categoria aborda, portanto, os preconceitos estruturais de raça e de classe social que faz com que as pessoas negras sejam a maioria nas favelas e bairros periféricos (Ribeiro, 2019).

A escravização e o epistemicídio do conhecimento e da cultura negra é definido por Ribeiro (2019) como “apagamento sistemático dos oprimidos”, ou seja, é a morte do conhecimento negro, iniciado com o processo de escravização. Nesse sentido, a autora destaca que o histórico da escravização deixou suas marcas no racismo estrutural da sociedade brasileira, que atualiza cotidianamente a exclusão das pessoas negras. Com a definição dela podemos entender que esses sinais dos apagamentos são bastante evidentes, pois vemos poucos/as negros/as citados/as em pesquisas ou sendo colocados/as em posições de poder. Se

nós somos a maioria da população, por que não temos reconhecimento em nossas elaborações? Como sendo parte da maioria, é intrigante pensar que somente o grupo branco tenha domínio. A partir desse conceito, Djamilia cita, em seu livro, vários/as autores/as negros/as muito importantes na luta antirracista, e muitos que possuem um grande reconhecimento social. Assim, ela nos orienta que, se quisermos enfrentar essa construção de raça, precisamos ampliar nossas visões do mundo e ir além do que conhecemos por meio da cultura dominada pela branquitude.

O genocídio de pessoas negras é um assunto bem triste e delicado, e é abordado por Ribeiro (2019) no capítulo “Combata a violência racial”. A autora em sua explicação traz várias histórias e vários dados sobre assassinatos, violências e prisões de pessoas negras, que é a população que corre mais risco à violência no Brasil. Esses tipos de genocídios no Brasil, são casos que não possuem investigações detalhadas, ou seja, as prisões são feitas de forma injusta, com discriminações raciais. Um dado importante foi o de que dois em cada três presos no Brasil são negros e que em quinze anos aumentou 567,4% as prisões de mulheres negras.

O reconhecimento do racismo cotidiano, em contrapartida ao mito da democracia racial, diz respeito à ideia errada disseminada pela branquitude de que no Brasil não há racismo e que o povo brasileiro não é racista, por ser miscigenado. Essa ideia é contraditória, pois no Brasil há sim racismo presente nas instituições como a polícia, a escola, as empresas etc. Então, Ribeiro (2019) nos orienta e aconselha no reconhecimento de atitudes racistas pois nomeá-las como violência e desnaturalizar o que parece “normal” é o primeiro passo para o enfrentamento dessa opressão.

Como forma de enfrentamento ao racismo e ao epistemicídio, a valorização da negritude e/ou da origem pobre é proposta para reafirmar a beleza, a sabedoria e o poder de resistência do povo negro. Ela se dá por meio da valorização da estética afro, ressaltando a beleza dos cabelos crespos, da pele preta e dos traços negróides, da valorização das religiões de matriz africana, além da música e demais produções artísticas e intelectuais de pessoas negras, e, até mesmo do trabalho braçal, essencial para a sociedade, e realizado predominantemente por pessoas negras e/ou pobres.

Relacionado à valorização da negritude, o RAP como resistência foi destacado como uma categoria temática, dada sua importância nas músicas analisadas. De forma semelhante, a

categoria atos de resistência dá destaque a outras formas de enfrentamento ao racismo cotidiano que não seja pelo RAP.

A partir dessas categorias, classificamos as letras de cada música, o que nos possibilitou delimitar o tema principal de cada música, bem como identificar quais temas foram utilizados com maior frequência, no conjunto de composições analisadas.

Resultados e Discussão

Considerando as seis músicas analisadas até o momento, entendemos que: A música Sr. Tempo bom, Tambor e Gueto ao Luxo têm como principal argumento a valorização da negritude. A música Tambor apresenta a valorização da negritude a despeito do processo de escravização e epistemicídio do conhecimento e cultura negras; já a música Gueto ao Luxo também aborda a valorização da negritude e da origem pobre, ressaltando o RAP como meio para ascensão; e a música Sr. Tempo bom promove a valorização da negritude por meio de vários exemplos de vivências pessoais que se configuram como contribuições da cultura negra à cultura brasileira. A música Olho de Tigre, por sua vez, aborda, prioritariamente, situações de racismo cotidiano, tanto estruturais quanto relacionais, desafiando a ideia de mito da democracia racial, e propondo resistência via violência, sinalizando para a intolerância com a permanência do racismo na sociedade, tal como explicita o refrão “Fogo nos racistas”, que ganhou muita repercussão e se tornou um *slogan* da luta antirracista contemporânea. Por fim, as músicas A cena e Diário de um Detento abordam, prioritariamente, o genocídio das pessoas negras, por meio da violência policial, sendo a primeira relacionada a situações de abordagens policiais na rua e a segunda relacionada à vivência na prisão.

De modo geral, a Interseccionalidade raça e classe e o Genocídio das pessoas negras foram os argumentos mais frequentes para denúncia do racismo, nas músicas analisadas, seguidos pela Escravização e epistemicídio do conhecimento ou da cultura negra e pela Descrição de situações de racismo cotidiano.

Com relação ao enfrentamento do racismo, Valorização da negritude e RAP como resistência foram os argumentos mais encontrados, ocorrendo, com frequência, em conjunto com argumentos de denúncia do racismo. Até o presente momento, encontramos outras

formas de resistência apenas em uma música. Mas, com a finalização da análise das 12 músicas que compõem nosso corpus, entendemos que essa sistematização será enriquecida, nos oferecendo mais subsídios para reflexões e conclusões.

Conclusões

Com base em nossos resultados parciais, podemos concluir que o racismo ainda é uma opressão presente nos dias atuais. Observamos, ainda, que há muitos casos de racismo e na maioria das vezes não é um caso que é enfrentado. Pesquisas como essa são importantes para adquirirmos a consciência de reconhecer e enfrentar o racismo, além de podermos identificar diferentes formas de opressão. Nesse sentido, as músicas analisadas servem de base para um conhecimento e um entendimento mais amplo do racismo. Vale destacar que, muitas pessoas têm o Rap e o Funk como único meio do conhecimento do racismo, se constituindo numa forma de resistência para combater o racismo. Ou seja, o RAP é importantíssimo para a disseminação de conhecimentos e argumentos para a denúncia e enfrentamento do racismo.

Referências

- RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- TERTO, A. **29 músicas que cantam o que é ser negro no Brasil**. (2017). Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/29-musicas-que-cantam-o-que-e-ser-negro-no-brasil/>>. Acesso em: 20 set. 2022.